

Um crime que promete ficar sem solução

Séc
Jb.

25
—
4
—
88
p. 3

O primeiro suspeito, a Frelimo, diz que não foi. Numa declaração desajeitada, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Pascoal Mocumbi, afirmou: «A Frelimo não comete actos de terrorismo»...

Quanto à alegada presença em Lisboa do major-general Bonifácio Gruveta, que Ivette Fernandes diz ter-se avistado com seu marido na noite em que ele desapareceu, Gruveta alegou ter estado, nessa altura, na Beira a acompanhar um delegado do lémen.

Quanto a possíveis suspeitas que o assassinio tivesse sido perpetrado por elementos de uma facção da RNM oposta à orientação de Evo Fernandes, a mulher deste nega veementemente que tal fosse possível «porque todos gostavam dele».

Em casos desta natureza, há sempre uma hipótese de ter sido a CIA americana, normalmente envolvida em casos políticos onde quer que eles se situem. A CIA não tem por hábito confirmar ou desmentir alegações a seu respeito.

Está, agora, em jogo a credibilidade e brio das autoridades portuguesas, tanto mais que se gabam de ter um corpo de elite especializado em investigação e detecção de casos de terrorismo.

Esperamos, pois, que se chegue a uma conclusão num processo que cada vez mais se torna tenebroso.